

O PRESENTE É A SOMBRA QUE SE MOVE SEPARANDO O ONTEM DO AMANHÃ.

NELE REPOUSA A ESPERANÇA . (Frank Lloyd Wright)

A idéia de que existem universos paralelos, não apenas um, é muito antiga.

É encontrada na metafísica ocidental, e em religiões orientais.

Mas também na tradição ocidental, na renascença e após.

E hoje em dia, em algumas correntes da física moderna.

Mas é, sob vários aspectos, uma ideia revigorante, uma ideia libertadora.

Pois sugere que o mundo em que vivemos, o cosmo em que vivemos, é apenas um de vários possíveis cosmos.

Que na verdade vivemos em uma espécie de multiverso.

FERNANDO SAVATER

Oscar Wild dizia que nenhum mapa do mundo está completo sem incluir o país da utopia. Bem, de alguma forma essa é a verdade, quer dizer...junto aos mapas reais, sobre os quais Borges também escreveu, esses mapas que são tão grandes como o próprio país que descrevem, junto com os mapas reais, estão os mapas do imaginário, do sonhado, do desejado.

Bom, a maioria dos seres humanos, vivemos com um pé posto no real. No inevitável, no necessário, mas com o outro pé, no possível, no desejável.

Borges joga com as idéias filosóficas clássicas, não? Quer dizer, com a idéia de um mundo paralelo, de uma alternativa para o nosso mundo. É uma constante. Nós humanos sempre perguntamos o que ocorreria se não houvesse passado o que passou, se não, coisas diferentes. Esses relatos históricos, por exemplo, que dizem como seria o mundo se Hitler tivesse ganhado a guerra, ou coisas pelo estilo. Essa é uma tentação permanente, porque, uma vez que as coisas tenham ocorrido, vemos como necessárias, mas antes nos parecia que todo o futuro estava em aberto. Pois de alguma maneira sempre tivemos a idéia de que tudo poderia voltar atrás. De que se podia fazer algo diferente do que havia ocorrido.

Eu acredito que todos continuamos assim, continuamos sempre habitando o mundo real o qual conhecemos, mas, de alguma forma, disparamos de encontro ao mundo que desejamos.

SASKIA SASSEN

Universos paralelos, o fato de que todos os tipos de projetos nunca foram construídos.

Pense em uma cidade destruída, ou de um espaço em uma cidade onde havia antes um grande prédio que todos conheciam, ou um prédio sem importância, que ninguém conhecia e, de alguma maneira, não existe mais.

Um espaço vazio, um terreno baldio, um espaço indeterminado.

Estes se tornam espaços que convidam a todos que há muito habitam a cidade a recuperar toda a sorte de histórias e ordens visuais alternativas.

De forma que, tanto faz se for um grande projeto nunca realizado, ou um prédio comum repleto de história local, Esse é o local que a nossa imaginação pode preencher.

Preencher com um grande projeto ou com nossas memórias, de algum prédio não muito impressionante mas que ainda está lá, como nós o imaginamos.

Uma determinada cidade possui múltiplos mundos.

Há um imaginário urbano e não apenas o imóvel urbano.

RICHARD SENNETT

Estamos sempre fazendo escolhas sobre os lugares nos quais vivemos.

E, para mim, a arte de fazer um lugar é, então, saber como esse sonho precisa ser mudado, modificado, repensado, pois outras pessoas, pessoas reais, estão lá, e estarão usando o que fizemos.

Aqui temos dois projetos, um de Boullée, no século XVIII, um projeto de idealizado.

Este projeto é o de uma tumba para Newton.

As pessoas caminhariam nisso como se fosse um planetário.

Ele nunca quis construir isso.

Esse era um projeto que era simplesmente um ideal de algo que poderia vir a ser.

Mas ele era adulto e sabia que isso nunca ia acontecer.

Enquanto esse projeto, de Le Corbusier, de 1924, era um projeto ideal, que ele queria realizar.

Ele basicamente destruiria o bairro *Marais*, em Paris, e ergueria todas essas torres idênticas em seu lugar.

E construímos esse tipo de projeto por todo o mundo.

Na Coreia do Sul, na China, nos EUA.

É como uma prisão de torres, na qual não há vida pública, nem vida nas ruas.

Era uma ideia nunca submetida a qualquer tipo de restrição democrática.

Então, o que estou dizendo, a diferença é:

O de Boullée, tudo bem.

Ele é o que é.

É um sonho.

Mas o outro é um sonho que se tornou pesadelo quando realizado.

Pois não havia intervenção democrática para abrandá-lo.

Eu não idealizo o processo de criação em uma cidade como eu idealizaria em arte.

Tenho escrito sobre isso agora.

O fato de que muitos desses projetos não aconteceram por restrições materiais não é de todo ruim.

Pois quando criamos algo, sempre imaginamos isso plenamente.

Temos um sonho de como algo deveria ser.

Isso é uma forma de criação muito perigosa.

Temos que criar dessa forma, imaginando o que algo idealmente deveria ser.

Mas, no reino urbano, ao contrário da escultura, ou pintura, não deveríamos poder alcançar nosso ideal, uma vez que outros terão que viver em nosso sonho.

Temos diversas formas pelas quais as pessoas, os cidadãos, podem intervir no projeto.

E esse diálogo entre o artista, o designer e o público significa que temos, no todo, com algumas exceções, espaços habitáveis muito bons, nos quais podemos viver e trabalhar.

SASKIA SASSEN

Pense no famoso Plano *Voisin*, de Le Corbusier, não é ótimo que ele nunca foi construído? Porque agora seguimos falando a seu respeito.

Simplesmente continuamos a pensar e imaginar como seria, com todos os prós e contras.

Se tivesse sido construído, seria um caos, seria um desastre, seria como o *Banlieue*.

E nós diríamos, "Fora, fora".

Agora é uma provocação que nos faz pensar como poderia ter sido diferente se o grande arquiteto tivesse construído, ele se dedicou e acreditava tanto nisso, etc.

A cidade é criada, pois é...Uma forma de descrevê-la é que ela é um sistema complexo, mas incompleto.

E nessa mistura está a capacidade de ter uma longa vida, muito mais do que corporações muito poderosas, reis e rainhas muito poderosos e governos muito poderosos.

Para isso eu tiro mau chapéu, eu digo: maravilha!

SAVATER

Há um aplicativo muito bonito para quem visita NY... onde aparecem edifícios projetados para Nova York e cuja realização foi frustrada. Você anda pela rua e vão aparecendo os edifícios que alguém imaginou e que nunca foram feitos ao longo das ruas.

Todos os grandes arquitetos que iam fazer um edifício e por qualquer circunstância, não o fizeram.

JANETTE SADIK-KHAN

Sabe o que tem de interessante em todas essas imagens?

É que não há pessoas nelas.

Não há pessoas em nenhuma dessas imagens.

E penso que quando você observa o que foi proposto nas décadas de 1920 e 1930 era essa espécie de *futurama*, cidades sem pessoas, cidades totalmente voltadas ao automóvel.

SAVATER

São todos grandes. Eu gosto de lugares pequenos, tenho mais utopias minimalistas, não maximalistas. Estas todas são maximalistas, as pessoas são pequeninas. Minhas utopias são sempre um quarto pequeno e eu com outra pessoa que eu goste. Essa é minha utopia.

Locução documentário The Futurama:

"Mentalmente e fisicamente, estamos progredindo em direção a novos horizontes."

SAVATER

As utopias normalmente foram ideias de fechamento, de prisão, não? Terríveis. A própria utopia de Thomas Moro, por exemplo, é um lugar onde as leis não mudavam por oito mil anos, onde tudo havia sido pré-figurado e ninguém podia sair deste jogo.

Eu acredito que as utopias são o sonho de poucos que se transformaram no pesadelo de todos os outros. Os campos de concentração são uma ideia utópica... uma ideia de higienista. As coisas mais terríveis experimentadas pela humanidade são precisamente utopias cumpridas. Diante da utopia, eu prefiro o ideal. O ideal é aquilo que nunca se alcança. Com o horizonte até o qual se avança, mas nunca se chega. Portanto, os ideais nunca nos fecham. Sempre nos levam para frente, mas nunca nos fecha. Por outro lado a utopia tem essa ideia de fechada, de clausura, de prisão.

JOHN GRAY

O conceito de *telos* na história, ou no cosmos, é de grande consolo para muitas pessoas, pois que sugere que seus valores, de alguma forma, se tornarão os valores do mundo todo, de todo o cosmos.

Portanto, nesse sentido, poderíamos dizer que é uma ilusão útil, mas também perigosa.

O conceito de que a história humana possui um *telos*, que de fato provém da religião foi, creio, perigoso para a ética.

Em particular quando adotado e incluído em projetos políticos radicais.

Os Bolcheviques, por exemplo, explodiam igrejas.

Fisicamente destruíram muitas catedrais na Rússia durante o período inicial.

Uma perseguição que eles seguiram fazendo.

Existe uma tentação de tentar acelerar o *telos*, de tentar acelerar o processo de atingir o objetivo.

SASKIA SASSEN

Pense no conceito de amnésia urbana.

O esquecimento das histórias urbanas.

Realmente acredito que ter espaços urbanos vazios, que são muitas vezes espaços de destruição é essencial para um tipo de urbanidade que não depende apenas de arquitetura.

Ela depende, também, do imaginário das pessoas.

Temos exemplos maravilhosos, como um grande estacionamento em Los Angeles, onde mais?

Um grande estacionamento em Los Angeles, sim.

Que cobriu um assentamento afrodescendente, não haviam muitos negros no Oeste naquela época. Essa história foi completamente apagada?

Você construiu.

Na verdade, não.

Aquele espaço vago do estacionamento, especialmente quando não há carros, é uma provocação. Você pensa, "O que tinha aqui antes"?

Sabe, no Central Park. Aquele grande parque em Nova York.

Ali havia um dos primeiros assentamentos de afrodescendentes.
Claro, áreas residenciais negras são desvalorizadas.
E, de repente, isso se torna presente.
Quando você está naquela parte do Central Park, você já não vê mais árvores.
Você vê o que foi apagado.
Isso é o que uma cidade faz.
Creio que a destruição é algo com que as cidades conseguem lidar melhor do que qualquer outra coisa. Pense em cidades, algumas de nossas melhores e mais antigas cidades sobreviveram a atores muito mais poderosos.
Um espaço vazio tem voz.

JANETTE SADIK-KHAN

Acho interessante ver que, em uma cidade inaugurada na década de 1960, com uma estratégia muito focada em automóveis e em planejamento, descobrimos que, em várias ocasiões, os planos mais bem elaborados, dos planejadores mais bem preparados, não acontecem como esperávamos.

ÁUDIO INCIDENTAL DOC BRASILIA

Brasília é formada por dois eixos. O monumental leste-oeste e a rota norte-sul...

JANETTE SADIK-KHAN

Vi fotos de Brasília, ela é muito bonita de cima, mas, pelo que sei, a experiência nas ruas não é bem a mesma.
Portanto, penso que cidades que prosperam são aquelas que celebram as conexões espontâneas que ocorrem, proporcionando espaço para as pessoas se divertirem e interagir, o que eu penso ser a cola que realmente mantém inteiras as cidades.

RICHARD SENNETT

Alguns amam Brasília, pois ela é, novamente, um sonho sem intervenção ou modificação democrática.
Eu tenho sentimentos conflitantes, pois o sonho é tão lindo, ao contrário do Plano *Voisin*, e tão variado, que eu sinto interesse nas formas, mas não em estar lá fisicamente.
Eu gosto de ver fotos de Brasília, mas nas duas vezes que estive lá eu queria fugir.
E a cidade que cresceu ao entorno de Brasília, que é a cidade dos pobres, principalmente, a cidade dos funcionários é, para mim, parte integrante da capital.
Esse é um sonho que eu amo mas não pessoalmente.

JANETTE SADIK-KHAN

Eu acho empolgante ver essa evolução, na qual governantes das cidades reconhecem que a força das cidades está nas pessoas.

E que precisamos planejar nossas cidades para as pessoas e não para os carros.

Belos prédios são certamente uma importante parte disso, mas tão importante quanto belos prédios é como eles interagem com o terreno.

Eles se relacionam? Eles nos convidam para um passeio ao seu redor? Como é a experiência que se tem nessas cidades?

Não vamos conseguir duplicar nossas ruas, e ampliar nossas vias para acomodar cada vez mais pessoas. Você precisa permitir que essa espécie de balé urbano, essa interação, ocorra.

De fato, planejar as ruas priorizando as pessoas.

De baixo para cima, em uma espécie de estratégia pedestre, ao invés de uma estratégia feita de 30 mil metros de altura para baixo.

Então, penso que estamos vendo a profissão de planejamento urbano evoluir para realmente apreciar a importância do ambiente no qual esses prédios se encontram, e dar muito mais atenção à experiência no nível da rua do que se dá a nível aéreo.

E é muito importante para a profissão de planejamento urbano, e certamente leva a resultados muito melhores nas ruas.

SASKIA SASSEN

O prédio de escritórios dos anos 1960 se dizia um prédio de escritórios.

Nele ocorria geralmente trabalho de escritório, eram principalmente secretárias, e assim por diante. Hoje, nos centros de nossas cidades, não vemos secretárias, você tem que descobrir o que eles fazem.

Todas essas complexidades foram ignoradas em toda a literatura acerca de cidades globais.

Eles veem a infraestrutura, o ambiente construído, apenas como infraestrutura.

E isso é uma mudança, creio, muito significativa.

Todos aeroportos tem um determinado conjunto de padrões a atingir, etc.

E eles creem que as cidades estão ficando iguais.

Elas estão ficando iguais em termos de construção, design, infraestrutura.

Eu digo que o que ocorreu é que mais e mais desses prédios, esses modernos prédios, são infraestrutura.

A questão é como eles são usados.

RICHARD SENNETT

Como pegamos o ambiente que herdamos e o usamos para nossas finalidades.

Há um aspecto muito prático agora, quando o aquecimento global está mudando o formato de nossas cidades.

SAVATER

Estes são os problemas. Eu creio que como sempre, são problemas que antes se projetavam somente dentro de um país. Agora os vemos em escala mundial. Antes dizíamos: não queimemos este bosque porque pode ameaçar quem vive ao lado. Hoje, projetamos o problema da Amazônia ou de qualquer outra coisa, porque já pensamos em escala muito maior. Obrigatoriamente.

Temos essa tarefa hercúlea de ter que enfrentar imensos desafios, porque ninguém teve que enfrentar desafios tão grandes quanto hoje, tem uma pessoa que se reflete sobre a situação mundial.

RICHARD SENNETT

Algo como uma torre de escritórios, com janelas que não se abrem é um monstruoso consumidor de energia, ar condicionado ou aquecimento, no Norte, e assim por diante. Não vamos ter como sustentar muitas dessas torres monstruosas com janelas que não se abrem no futuro. O clima está mudando e se tornando muito instável.

Precisamos economizar energia.

Em Londres, a maior parte da cidade foi construída próxima ao rio, pois pensavam que o nível da água permaneceria igual. Mas o nível da água, sabe do que se trata? O nível básico de água na cidade, está subindo.

O que significa que muitos desses prédios que foram construídos na margem do rio, ou mais ao Leste, na margem do oceano, não são mais utilizáveis.

Não são mais práticos, o que inclui o Parlamento Britânico, outro grande ícone.

Mas seu porão, hoje, está inundado.

Eu já terei partido quando isso acontecer, mas em 20 ou 30 anos, vamos ter que repensar o formato de todas as cidades em que vivemos.

JANETTE SADIK-KHAN

Para mim, o mais empolgante é que o futuro do planeta está nas cidades.

E, pensando nisso, mais da metade da população hoje vive em cidades.

E espera-se que esse número chegue a 70% até 2050.

Portanto, o futuro do planeta está nas cidades.

E como tornamos nossas cidades seguras, atraentes e ambientalmente saudáveis para as pessoas é um dos grandes desafios.

Penso que o futuro das cidades tem a ver com escolhas.

Me considero pró escolhas.

Sou pró ciclovias, pró corredores de ônibus, pró praças de pedestres e ruas mais seguras.

E esse é o futuro das cidades. E estamos vendo cidades ao redor do mundo competindo para ver qual é a mais verde. Qual consegue ser a mais sustentável.

E acho essa uma competitividade maravilhosa de se ter.

Pois, se vamos acomodar os milhões e milhões de pessoas a mais que virão viver em nossas cidades, precisamos torná-las as mais acessíveis, igualitárias, saudáveis e ambientalmente seguras que elas possam ser.

E realmente acredito ser muito esperançoso observar o trabalho sendo feito por prefeitos ao redor do mundo para transformar suas cidades, seja com ciclovias, seja com corredores de ônibus, seja trabalhando em intervenções de segurança. É um momento incrivelmente empolgante para as cidades.

RICHARD SENNETT

Coisas acontecem por acaso, por exemplo, no desenvolvimento da cidade, as vezes algo novo e ilegal será feito, como um mercado que de repente surge na rua, e então é absorvido pelo tecido urbano.

O que não acho que deveria acontecer é que uma vez que algo ocorra por acaso, fique lá para sempre.

SASKIA SASSEN

Precisamos começar a repensar como usamos o território, pois de outra forma estaremos em grandes apuros. Observe Pequim, agora o governo chinês decidiu criar uma área metropolitana para 150 milhões de pessoas. E surgiu a questão de como organizar esse tipo de território urbano. Compare Londres com São Paulo.

Londres tem mais de 20 pontos nodais, o que permite a existência de prédios baixos. Prédios altos, como em São Paulo, são muito raros. O que significa que há uma enorme distribuição, portanto residentes locais podem fazer muito em seu próprio bairro.

Mas é tudo Londres, um lugar incrivelmente urbano. Mas com uma altura baixa. E, então, temos São Paulo, onde tudo está muito concentrado no centro.

Você precisa de arranjos multimodais.

Ou você cria uma Londres, ou joga em uma escala totalmente diferente, onde você leva o território rural extremamente a sério, e certifica-se que essa é uma parte essencial de qualquer processo de urbanização.

Como podemos criar formatos territoriais que superem a divisão entre o rural e o urbano?

Em outras palavras, você pode pegar uma enorme replica de Londres, mas em uma escala totalmente diferente, onde você tem tanto o rural quanto o urbano.

Logo, é algo muito bem distribuído, muito equilibrado.

Não creio que essa seja uma ideia terrivelmente ruim, caso você tenha uma população enorme, e não tenha muito espaço razoavelmente habitável.

Portanto, creio que estejamos caminhando em direções que, na melhor das hipóteses, irão, de fato, gerar densidades.

Então, o rural e o urbano não são, separadamente, enormes e distintos, mas são de fato desmontados e transformados em espaços menores e mais administráveis.

E você começa a superar essa noção de que existe um rural e um urbano.

Pois o urbano que estamos criando é o oposto da Cidade do México ou de São Paulo, essas cidades são ingovernáveis. Você não pode ter cidades com mais de 20 milhões de habitantes tornam as cidades ingovernáveis. Portanto precisamos seriamente repensar como conectamos a urbanização com a proximidade a áreas rurais.

RICHARD SENNETT

Podemos usar a tecnologia muito bem para lidar com o funcionamento de uma cidade. Mas, agora estamos usando ela para dizer às pessoas o que fazer. É uma questão muito complicada. O que quero é algo que estimule as pessoas a pensarem indutivamente sobre onde estão. Por exemplo, que tipo de lugar é este, dar a elas os instrumentos para fazer isso. Temos a tecnologia para isso, mas não a estamos usando.

Por exemplo, se você quisesse ir.... Vou dar um exemplo bastante britânico:

Você está em um bairro, e quer ir em um outro lugar bem diferente.

Simplesmente usar um mapa da forma mais rápida de chegar lá não é inteligente.

Você quer saber que tipo de lugar é esse que você está indo.

Se você pegar uma direção, que tipo de experiência terá caminhando até lá, ao invés de ir por outra rota?

E, para isso, é necessário outro tipo de informação além de apenas desenhar a menor linha entre duas coisas, ou mostrar às pessoas que tipo de transporte público, ou como dirigir até lá.

Meu trabalho, em parte, nos últimos cinco anos aproximadamente, é como usar as tecnologias de forma que você tenha uma imagem mais completa da cidade.

JANETTE SADIK-KHAN

A tecnologia está mudando a forma como fazemos tudo.

E acredito que a internet, proporcionando aquele transporte em um toque, tenha grande potencial.

É interessante observar como a oportunidade trazida pela tecnologia para nossas ruas e cidades, de repensar o espaço, e o serviço que pode ser proporcionado, seja por empresas de redes de transportes, como a *Uber* e a *Lift*, onde apenas um toque no smartphone pode trazer mobilidade instantânea. E isso é bem novo, e penso ser empolgante observar.

Não creio que vá demorar muito para vermos carros autônomos em nossas cidades, e esse tipo de tecnologia. Mas é importante enquadrar a tecnologia de forma que tenha serventia para as cidades e as pessoas e não repetir o mesmo erro de cinquenta anos atrás, de priorizar nossas ruas para automóveis.

Precisamos usar a tecnologia para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

O futuro das cidades não está atrás do volante, não diz respeito ao automóvel.

Eu vejo cidades como Helsinki, que estão usando a tecnologia de formas muito, muito diferentes. Eles estão proporcionando transporte como sendo um serviço agrupando todas as opções de transporte em um único lugar, para que você, como consumidor, possa acessar qualquer forma de transporte, literalmente, ao apertar um botão.

E criando essa rede que torna mais fácil caminhar, pedalar, pegar o trem, ou pegar uma carona.

Creio que essas sejam as estratégias do futuro.

E acredito que se usarmos a internet dessa forma, o potencial é ilimitado em termos do que podemos fazer para melhorar a mobilidade, e a acessibilidade ao transporte para os cidadãos ao redor do planeta.

E você pode ver os resultados em tempo real, e não precisa esperar anos de estudos de planejamento, e anos de projetos computadorizados, você pode mudar suas ruas agora. E a prova disso está, de fato, na própria rua.

E penso que seja uma estratégia muito importante demonstrar o que pode ser feito.

E demonstrar o potencial de nossas ruas, o potencial escondido diante de nossos olhos, é muito importante. Pois as pessoas estão habituadas com suas ruas tendo a mesma aparência, elas tiveram a mesma aparência por 50 anos, portanto elas não vão aparentar nenhuma diferença. E, uma vez que você demonstra o que pode ser feito, como você pode de fato repensar a rua que tem seis faixas, e agora inclui uma ciclovia e um corredor de ônibus.

Uma rua que agora é mais segura, pois você aumentou as calçadas, ou inseriu uma praça.

Um mundo de possibilidades está a seu alcance, especialmente quando você age rapidamente para demonstrar como podemos mudar a utilização daquele espaço.

SASKIA SASSEN

Parte da questão, para mim, também, é a noção de abrir o código do bairro.

Cada membro do bairro, incluindo o sem-teto, incluindo a criança, tem um conhecimento sobre aquela parte da cidade que o conhecimento qualificado dos experts, o conhecimento qualificado dos funcionários do governo, não têm.

Nos tornamos sujeitos urbanos, ao invés de sujeitos étnicos ou religiosos.

Uma boa cidade contém, pelo menos, momentos nos quais a particularidade de cada um de nós, em termos de religião, raça ou classe é neutralizada, e nos tornamos todos sujeitos urbanos.

JANETTE SADIK-KHAN

Acredito totalmente que as cidades necessitam de uma visão de para onde estão indo.

O plano de sustentabilidade PLANYC, do Prefeito Bloomberg, reconhece que se quisermos continuar a crescer e prosperar, com um milhão a mais de pessoas em 2030, precisamos de novas estratégias para o governo de uma cidade e ações municipais.

E você precisa de um plano pois precisa definir metas relativas a onde você quer chegar, e creio que uma vez que você tem essas metas e o povo as apoia, fica muito mais fácil transformar o tecido urbano, para que se adapte a mudanças constantes.

Assim, nunca teremos um plano diretor que será O plano, mas você pode definir uma estrutura de metas para alcançar, e responsabilizar as pessoas caso elas alcancem esses objetivos e metas, ou não.

Mas ser capaz de proporcionar opções de mobilidade, e de como se viver a cidade é muito, muito importante. Dessa forma conseguiremos crescer, prosperar, ter comunidades suportáveis e fortes, distritos de negócios, cidades mais saudáveis, cidades nas quais você quer viver, se divertir, criar seus filhos, o tipo de cidades amigáveis aos pedestres, que facilitam a mobilidade, que são mais acessíveis.

E isso é parte essencial do futuro das cidades.

Nossas ruas são feitas de concreto, asfalto e aço, mas isso não significa que sejam eternamente iguais.

SAVATER

Os seres humanos não devemos nunca nos perguntar o que vai acontecer, mas o que vamos fazer. Como serão as cidades? Como nós as fizermos. Não há nada escrito em nenhuma parte, tudo está sendo escrito agora. Essa idéia um pouco passiva de que o futuro virá e simplesmente teremos que estar de olhos abertos, pois não teremos soluções diante dele. Temos que pensar como que queremos as cidades. Queremos que as cidades tenham espaços humanos, que sejam cidades onde se possa caminhar, onde possamos nos encontrar com os outros. Queremos cidades nas quais tudo tenha que ser feito dentro de um carro e nada se faça de fora? Isso temos que nos perguntar. Como queremos que sejam as cidades? E nos esforçarmos para que as coisas sejam assim. As cidades e tudo o mais.

Não nos conformemos nunca com isso de "o que vai acontecer", "o que será de nós" e sim, o que vamos fazer para que aconteça o que preferimos.